



UCRÂNIA / Presidente francês defende Acordos de Minsk como saída para a crise, após encontros com Putin e Zelensky

Macron confiante no avanço do diálogo

Empenhado na busca de uma saída diplomática para a crise em torno da Ucrânia, o presidente da França, Emmanuel Macron, acredita que o caminho para apagar as tensões pode estar na implementação plena dos Acordos de Minsk. Celebrados em 2014 e 2015, os compromissos visam a um cessar-fogo no leste ucraniano, região onde separatistas pró-russos e forças do país se enfrentam há quase uma década. Em Kiev, após reunião com o presidente Volodymyr Zelensky, Macron assegurou ter conseguido um “duplo compromisso” dos governos de Ucrânia e Rússia de respeitar os acordos.

Um dia antes de se reunir com Zelensky, o líder francês, cujo país preside atualmente a União Europeia (UE), esteve em Moscou, onde conversou por mais de cinco horas com o presidente russo, Vladimir Putin. Na última etapa da viagem diplomática, Macron seguiu para a capital ucraniana para Berlim, para um jantar de trabalho com o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, e o presidente da Polónia, Andrzej Duda.

Os três líderes europeus reafirmaram unidade para “evitar uma guerra na Europa”. Antes do jantar, Duda disse acreditar que ainda é possível “evitar a guerra”, enquanto Macron pediu “um diálogo exigente com a Rússia” como “a única forma de alcançar a paz na Ucrânia”.

A presença de dezenas de milhares de militares russos na fronteira reforça nos países ocidentais — com reação mais incisiva dos Estados Unidos — o temor de uma invasão da Ucrânia pela Rússia, que já anexou a Crimeia em 2014 e apoia os separatistas, num conflito que já deixou mais de 13 mil mortos e persiste, apesar do protocolo de paz de Minsk. Mediados pela França e pela Alemanha, os acordos nunca foram respeitados integralmente.

Ainda em Kiev, Macron, após a reunião com Zelensky, Macron disse acreditar em “soluções

práticas concretas” para obter uma desescalada. “Não podemos subestimar o momento de tensão que estamos vivendo. Não podemos resolver essa crise em algumas horas de conversas”, advertiu, no entanto.

Promessas

O presidente francês disse ter conseguido promessas de Putin para apagar a tensão na região. “Disse-me que não seria a causa da escalada”, relatou Macron. Zelensky, por sua vez, declarou que espera a realização, em breve, de uma cúpula com os dirigentes russo, francês e alemão sobre o processo de paz no leste da Ucrânia, com uma primeira reunião de conselheiros prevista para amanhã, em Berlim.

Emmanuel Macron foi o primeiro líder ocidental de alto nível a se reunir com Putin desde que as tensões se intensificaram em dezembro. Olaf Scholz também visitará Kiev e Moscou na próxima semana. Após a visita do francês, o líder russo considerou que “algumas ideias” apresentadas poderiam “estabelecer as bases de avanços em comum”. Os dois devem conversar novamente.

Putin nada disse sobre as tropas russas concentradas na fronteira com a Ucrânia. Ele voltou a denunciar a negativa do Ocidente de ceder e pôr fim à política de ampliação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e retirar seus contingentes militares do leste da Europa.

Porém, segundo o Palácio do Eliseu, o chefe do Kremlin aceitou considerar as propostas de Macron. Entre elas, o compromisso de que nenhuma das partes tomará novas iniciativas, o início de um diálogo sobre o dispositivo militar russo e de conversas de paz sobre o conflito da Ucrânia.

Na segunda-feira, o governo ucraniano tinha insistido em três “linhas vermelhas”: nenhum compromisso sobre a integridade territorial da Ucrânia, nenhuma negociação direta com os separatistas

AFP



Os presidentes da França (E) e da Ucrânia, em Kiev: em busca de ações concretas para reduzir clima de tensão

AFP



O líder polonês, Andrzej Duda, discursa, observado por Olaf Scholz: união para evitar a guerra

e nenhuma ingerência em sua política externa. No campo militar, a Rússia também se comprometera a retirar suas tropas

de Belarus, uma vez concluídas as manobras, em fevereiro.

“Ninguém nunca disse que as forças russas vão

permanecer em território bielorrusso”, assinalou o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov. “Tratam-se de manobras

conjuntas e, obviamente, isso supõe que as tropas voltarão a suas bases ao fim desses exercícios”, acrescentou.

No entanto, mais ao sul, seis navios de guerra russos deixaram o Mar Mediterrâneo rumo ao Mar Negro no âmbito de manobras marítimas anunciadas no mês passado, uma área de tensão porque é limítrofe com Ucrânia, Rússia, a anexada península da Crimeia e vários países da Otan.

Kiev prevê a realização de manobras militares em larga escala entre 10 e 20 de fevereiro com drones de combate comprados da Turquia e mísseis antitanque fornecidos por Washington e Londres, em paralelo às manobras russo-bielorrussas.

Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido também enviaram reforços militares ao Leste da Europa. Um primeiro destacamento de cerca de 100 soldados americanos chegou à Romênia.

ABUSOS NA IGREJA

Bento 16 pede perdão, mas nega cumplicidade

Em carta divulgada pelo Vaticano, ontem, o papa emérito Bento 16 pediu perdão pela violência sexual cometida por integrantes da Igreja Católica, mas negou ter acobertado religiosos que praticado esses abusos. “Só posso expressar a todas as vítimas de abusos sexuais minha profunda vergonha, minha grande dor e meu sincero pedido de perdão”, escreveu o papa emérito, que, há três semanas, foi acusado de inação diante de casos ocorridos no arcebispado de Munique e Freising, na Alemanha.

“Em todos os meus encontros com vítimas de abusos sexuais por parte de padres (...), percebi em seus olhos as consequências de uma grande culpa e aprendi a entender que nós mesmos caímos dentro desta grande culpa quando a negligenciamos ou quando não a enfrentamos com a decisão e responsabilidade necessárias, como já aconteceu e acontece muitas vezes”, afirmou na carta.

O papa emérito destacou que nunca acobertou episódios de abusos quando tinha “grandes responsabilidades na Igreja Católica”. O cardeal Joseph

Ratzinger foi arcebispo de Munique de 1977 a 1982. Tornou-se papa, sob o nome de Bento 16, em 2005. Oito anos depois, renunciou ao pontificado.

“Maior é minha dor pelos abusos e erros que aconteceram durante o tempo de minha missão nos respectivos lugares”, acrescentou Bento 16, que se declarou “consternado”. O informe publicado na Alemanha sustenta que o então cardeal Ratzinger teria sido informado sobre agressões cometidas pelo padre Peter Hullermann.

Contestação

Em um documento, também divulgado ontem pelo Vaticano, conselheiros do papa emérito rebateram as acusações apresentadas no relatório alemão, após análise minuciosa. Bento 16 agradeceu ao escritório de advocacia de Munique a ajuda na redação da resposta e na análise das milhares de páginas do relatório.

“Quando foi arcebispo, o cardeal Ratzinger não esteve envolvido em tentativas de dissimular

abusos”, rechaçam os conselheiros do papa emérito, para os quais o relatório tem elementos “inexatos”. Os auxiliares de Bento 16 assinalam que ele não estava “informado das agressões cometidas ou supostamente cometidas por padres”.

No fim de janeiro, o antecessor do papa Francisco retificou suas declarações aos autores do relatório, reconhecendo que participou em uma reunião crucial em 1980 sobre os supostos abusos praticados por Peter Hullermann. “Esse erro, que lamentavelmente aconteceu, não foi intencional e espero que seja desculpado”, disse. “Afetou-me profundamente que o descuido fosse utilizado para duvidar da minha veracidade, e inclusive me apresentar como mentiroso”, acrescentou.



Só posso expressar a todas as vítimas de abusos sexuais minha profunda vergonha, minha grande dor e meu sincero pedido de perdão”

Bento 16, papa emérito

sim, feliz”, afirmou o papa emérito, que vive aposentado em um mosteiro no Vaticano e cujo estado de saúde é muito delicado.

“As palavras dessa carta são as de um idoso impotente, que sente que se aproxima do encontro com Deus e convida toda a Igreja a sentir como sua a ferida aberta dos abusos”, avaliou Andrea Tornielli, editorialista do jornal

Vincenzo Pinto/AFP



Papa emérito foi acusado de acobertar violência sexual

oficial *Vatican News*.

Por sua vez, o sacerdote Federico Lombardi, ex-porta-voz do papa emérito, ressaltou: “Bento 16 nunca quis dissimular o mal na Igreja”. Ele interpretou a carta como o “resultado de um tempo profundo e doloroso e de uma sincera análise de consciência”.

O relatório alemão enumerou 497 vítimas de abusos no país entre 1945 e 2019, sobretudo crianças e adolescentes. E citou 235 supostos agressores, em particular padres. Após a publicação, o Vaticano expressou “sentimento de vergonha e remorso”.